

Gilberto compara ambientalistas a máfia

O senador eleito Gilberto Mestrinho (PMDB) disse que vai combater a "máfia verde" propondo mudanças na atual lei de crimes ambientais

Antônio Meneses

Marco Santos

O ex-governador Gilberto Mestrinho, 70, mal recebeu a confirmação de sua vitória nas urnas para o Senado e já voltou sua munição contra os organismos ambientalistas. Ele acusa o presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Eduardo Martins, de ser funcionário da World Wildlife Fund (WWF), uma Organização Não-governamental (Ong) multinacional de defesa do meio ambiente. Também dispara contra a senadora Marina Silva (PT-AC), acusando-a de ter relatado a Lei dos Crimes Ambientais a partir do que lhe foi ditado por estrangeiros. O



estilo polêmico se mantém na discussão da campanha, na qual afirma ter havido "falta de caráter" do seu opositor, o médico Marcus Barros, por ter centrado fogo em seu suplente, o senador amazonense em fim de mandato, Gilberto Miranda. "Não impugnei a candidatura dele porque não quis e fiquei surpreso com seu caráter", afirmou o senador eleito. Mestrinho estuda a Lei dos Crimes Ambientais para propor mudanças como seu primeiro projeto no Senado. Ele garante que apoiará a candidatura do prefeito de Manaus, Alfredo Nascimento, caso este decida concorrer à reeleição, insinua que Artur Neto é um bom nome para 2002 e ironiza o grupo adversário na eleição: "Eles têm uma divisão logo à frente", com a eleição para prefeito, "com três ou quatro candidatas". Eis a íntegra da entrevista de Mestrinho a A CRÍTICA:

“Por que o jacaré pode matar o homem e o homem não pode matá-lo?”

AC – Qual é o quadro final da eleição, para o senhor, no interior do estado?

GM – Perdi apenas em Santa Isabel do Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira, Urucurituba e Itacoatiara. Em todos os lugares por poucos votos, menos em Itacoatiara, onde a diferença chegou a quatro mil votos, e em Urucurituba. Essas diferenças representaram, no máximo, entre 10% e 15%.

AC – A campanha foi marcada pela acusação, da Frente Ampla Reage Amazonas, de que o senhor deixaria o mandato para o segundo suplente, senador Gilberto Miranda. O que o senhor diz a esse respeito?

GM – Eu fiz uma campanha ética e fiquei surpreso com o caráter do meu adversário. Acho que faltou informação para ele (o médico Marcus Barros, candidato ao Senado na chapa de Eduardo Braga), que não tem idéia do que seja o trabalho de um senador. Ele fez campanha contra o meu segundo suplente e não contra mim. Ora, como ele pode duvidar que eu vá cumprir o mandato se fui três vezes governador e fiquei até o último dia no governo? Como pode duvidar se tomei essa atitude mesmo tendo que ficar sem mandato nos anos seguintes? Com a idade que estou, visitei quatro a cinco municípios por dia de avião, helicóptero, barco ou canoa e no fim não ia dar meu lugar para outro, de jeito nenhum.

AC – O senhor disse que poderia impugnar a candidatura do médico Marcus Barros e não o fez porque não quis. Por quê?

GM – Ele teria que se afastar do cargo que ocupava (diretor da Fundação Osvaldo Cruz, Fiocruz) dentro de determinado prazo e se afastou depois disso. Os meus advogados me mostraram essa informação e disseram que iriam impugnar a candidatura dele. Eu não deixei. Acho que eleição se ganha na urna, no voto e não no tapetão. Agora, durante a campanha, eu fiquei indignado com algumas afirmações dele. Ele disse, por exemplo, que fez o Hospital Getúlio Vargas e todo mundo sabe quem fez o hospital fui eu. Ele foi, no máximo, convidado para ser o primeiro diretor geral e eu aprovei a indicação. Disse também que quem trouxe a Fiocruz para Manaus foi ele. Ora, é só ver a ata de fundação e os jornais da época para perceber que quem cedeu o Instituto de Medicina Tropical do Amazonas (IMT-AM) e aprovou o nome dele para diretor fui eu. O que ele esqueceu foi de dizer que quando foi reitor da Universidade do Amazonas e a instituição ia quebrar fui eu quem manteve o restaurante universitário e quem fez diversos convênios para evitar essa quebra. Eu e o Artur Neto, que era prefeito e pagava a energia elétrica. Isso ele não disse na campanha. E agora ficou sem discurso, porque eu fui eleito e vou assumir o mandato os oito anos.

AC – O senhor tem uma vida política marcada pela polêmica com os ambientalistas e agora terá a chance de legislar, no Senado, sobre essa questão. Que leis o senhor pretende propor?

GM – Quero mudar a Lei dos Crimes Ambientais. É uma aberração na Amazônia. Tão absurda que o presidente suspendeu a aplicação de alguns dos seus artigos por dez anos. Se essa lei for cumprida à risca o caboclo não faz mais nada no interior. Foi

uma lei ditada do exterior para a relatora do PT.

AC – Quem foi a relatora?

GM – A Marina (Silva), do PT (Acre). E a lei se tornou um monstro contra a Amazônia.

AC – O senhor já tem um anteprojeto específico em mente?

GM – Não. Há tempo para isso. Tenho assessores analisando a lei, que é mais de polícia do que de defesa. Se o caboclo matar um animal para comer, no interior, o Ibama prende e faz o diabo, mas em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, você vai a um restaurante e come carne de jacaré e caimitu, que é o mesmo javali. Outro dia o "Fantástico", da Rede Globo, mostrou como se prepara um jacaré...

AC – ... Espere aí, esse javali que é o prato do verão nas principais capitais do País é o mesmo caimitu nosso, aqui da Amazônia?

GM – É. É o mesmo sim.

AC – Sua alternativa à Lei dos Crimes Ambientais é a exploração da floresta?

GM – Sim. Exploração com inteligência. O que os organismos internacionais querem é criar reservas. E essas reservas representam o engessamento da região. No Senado da República eu não vou admitir que entidades estrangeiras continuem indicando todos os ocupantes de cargos relativos ao meio ambiente.

AC – O senhor pode dar um nome de alguém indicado por estrangeiros e de qual entidade o indicou?

GM – O presidente do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Natu-

rais Renováveis, Eduardo Martins) é funcionário da WWF (World Wildlife Fund).

AC – O senhor tem alguma sugestão para evitar isso?

GM – As leis ambientais têm que ser aplicadas pelos governos estaduais e não pelo governo federal. Não admito que áreas ricas em madeira ou minérios virem reserva. Lembra do caso dos ianomâmis? Não se falava em outra coisa durante o período anterior à demarcação da reserva deles. Depois, eles foram abandonados. No incêndio de janeiro, quando faltaram pesca e caça na reserva, ninguém ajudou. Se não fosse o Amazonino mandar duas mil sacolas de rancho para eles, teriam morrido de fome. No Javari, Alto Solimões, estão dando uma área imensa a 600 índios para proteger a madeira e eu não posso concordar com isso. Até porque todo mundo sabe que a principal atividade econômica daquela região é a exploração da madeira.

(O deputado federal João Thomé (PMDB), que não concorreu à reeleição para ser o primeiro suplente de Gilberto Mestrinho, acompanhou toda a entrevista e, nesse ponto, interveio.)

João Thomé – O nosso adversário defende essa estrutura das Organizações Não-Governamentais (ONGs) e é ligado a elas.

GM – É isso mesmo. Mas, agora, a máfia verde vai ter um adversário no Senado.

AC – O senhor disse, em Manicoré, onde houve uma grande matança de pássaros, que o povo podia matar que o senhor garantia?

GM – Não, não disse. O que eu disse é que vou defender a abertura de temporadas de caça na Amazônia. Isso existe em toda a Europa, na Itália, Inglaterra, Portugal e até na Suécia. Por que aqui não permitem? Por que o jacaré pode matar o homem e o homem não pode matá-lo?



Gilberto Mestrinho prevê um racha no atual grupo de oposição na disputa para a prefeitura, em 2000

“Minha possibilidade de infarto nos próximos dez anos é zero”

Frases

“Não, não disse. O que eu disse é que vou defender a abertura de temporadas de caça na Amazônia

Ele (Marcus Barros) fez campanha contra o meu segundo suplente e não contra mim

O trabalho do Amazonino está correto e seu governo é o mais indicado para o estado”

AC – Explique melhor essa sua teoria de que as árvores de 200 anos não servem para mais nada.

GM – É simples: as árvores são seres vivos que nascem, crescem e morrem. Velhas, elas são brocadas. A melhor maneira de sustentar a floresta é renová-la. Por isso, eu defendo o manejo da floresta e não esses projetos de desenvolvimento sustentado que não têm bases científicas. Quero plantar árvores novas e mostrar às autoridades uma diferença que o caboclo do interior sabe fazer muito bem, que é a diferença entre pau e madeira. Para que a floresta precisa de tanto pau? Temos mais é que plantar madeira de lei, renovando e valorizando a mata.

Está errado tirar panela de caboclo porque ele a comprou com o dinheiro obtido numa caçada. Isso é cruel.

AC – O deputado federal, seu segundo suplente e seu filho, João Thomé, aqui ao lado, afirma que a bancada da Amazônia se ressentia de uma liderança forte, capaz de usar a força numérica que tem, com mais de cem deputados. O senhor se candidata a ser essa liderança?

GM – Liderança não é assim que acontece. O meu nome está à disposição da bancada, até porque sou contra as idéias preconcebidas a respeito da região.

João Thomé – Eu mesmo vou estar na retaguarda para levantar bandeiras comuns à bancada. O BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), por exemplo, precisa aplicar na Região Amazônica recursos como faz nas demais. Vamos lutar pela equiparação das condições oferecidas para a tomada de empréstimos nas outras regiões. Agora mesmo há R\$ 1 bilhão para a Amazônia, mas o BNDES criou tantas dificuldades que ficou impossível tomar empréstimos desse fundo. Nas outras regiões, o dinheiro foi sacado praticamente na totalidade.

AC – Passada a eleição, o senhor pode explicar detalhadamente como transcorreram as negociações para a formação da sua chapa, com o senador Gilberto Miranda na segunda suplência?

GM – Desde o início, eu sempre disse que o deputado João Thomé, meu filho, seria o primeiro suplente. Disso eu nunca abri mão. Quanto ao senador Gilberto Miranda, pelo estatuto do PFL ele tinha direito nato a se candidatar ao Senado, mas abriu mão desse direito. Como o PFL decidiu me apoiar, era justo que o indicassem como meu segundo suplente. Era um direito deles e eu não podia interferir. Ninguém sabe quem é o suplente do meu adversário, mas o meu segundo suplente era importante e acabou sendo o tema principal da campanha.

AC – Sua assessoria afirma que o senhor fez uma verdadeira maratona na reta final da campanha. Como foi isso?

GM – Na quarta-feira eu fui a Coda-jás e participei de duas reuniões na cidade. Voltei e fui a três comícios, inclusive o que encerrou a campanha do deputado Artur Neto. Comecei essa maratona às 7h da manhã e só encerrei às 2h, apesar de uma fratura na rótula. Como a oposição dizia que eu estava morrendo, não pude nem seguir os conselhos médicos e usar uma muleta. Já pensou se eu aparecesse usando muleta no meio da semana? Pelo caráter que eles demonstraram durante a campanha, iam acabar dizendo que eu tinha morrido. Domingo, como não era mais possível agüentar a dor, tive que me adaptar à muleta. Agora que passou a eleição, estou colocando a perna para cima.

AC – O senhor tem que fazer uma cirurgia?

GM – Sim. Entre agora e a posse. É para corrigir um problema de entupimento do canal lacrimal, que eu já tinha há algum tempo.

AC – Na sua opinião qual é o quadro político que emerge das eleições no Amazonas?

GM – A oposição tem uma divisão logo aí à frente, com vários candidatos a prefeito.

AC – Quais são esses candidatos?

GM – São três ou quatro.

AC – Quais?

GM – Tem o Jefferson Póres, o Marcus Barros, a Vanessa Grazziotin, o próprio Eduardo, o Serafim Corrêa. AC – E na sua coligação, quais são os prováveis candidatos?

GM – Do nosso lado eu apóio o Alfredo Nascimento, se ele for candidato à reeleição.

AC – E para 2002?

GM – Ainda é muito cedo para falar, mas nós estamos formando quadros. O próprio Artur Neto é uma liderança emergente e eu vejo com muita simpatia a sua ascensão.

AC – Foi o senhor quem costurou, para usar um termo do governador, a “détente” entre ele e Amazonino Mendes?

GM – Não. Foi um processo natural, o outro lado não nos queria. O grande problema é que a chamada “esquerda” do Amazonas – que é muito destra porque tem o Eduardo Braga – se empolgou com a candidatura do Lula, que parecia ir a algum lugar e não chegou a lugar algum.

AC – Qual sua análise do governo de Amazonino Mendes?

GM – O trabalho do Amazonino está correto e seu governo é o mais indicado para o estado neste momento. O Terceiro Círculo é uma idéia boa, altamente viável para a economia do Amazonas e para o fortalecimento do interior, que, com ele, passará a ter participação no produto interno do estado.

AC – Houve um momento em que todos pareciam dar como certa a vitória de Marcus Barros. Como o senhor viveu esse momento?

GM – Faltou experiência para ele. Eu estava tranquilo, analisando os números com parâmetros de diferença. Sabia que se a diferença entre mim e ele chegasse ao número “X” não seria possível a reversão. Quando terminou a votação em Manaus eu sabia que precisava de uma diferença de 25 votos por urna para ganhar. Dei de 35 a 37 votos por seção ou acima disso. Só em Itacoatiara é que ficou abaixo. Acabei ganhando por longa margem.

AC – O senhor parece ter ficado magoado com a campanha, não?

GM – Não. O importante é que o Amazonas ganhou e eu ganhei. O Marcus Barros pode ficar tranquilo que eu fiz um teste nos Estados Unidos e soube que a minha possibilidade de infarto nos próximos dez anos é zero. Ele que se cuide.